

## O LIVRO COMO MISSÃO: A PSICOGRAFIA COMO PRÁTICA LETRADA, A PARTIR DA COLEÇÃO ‘A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL’ (1944-1968)

Ana Lorym Soares\*

### INTRODUÇÃO

Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa, à nossa frente. Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam de nosso caminho, assustadiças. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa na infinita desolação ambiente (XAVIER, 1946, p. 46).

Embora remeta a uma versão em prosa das descrições da “selva selvagem” que Dante Alighieri immortalizou em seu poema (ALIGHIERI, 2009, p. 33), a citação acima fora extraída de uma obra bem mais recente. Trata-se de um fragmento que integra os muitos relatos que um espírito teria feito ao médium mineiro Francisco de Paula Cândido Xavier.<sup>1</sup> O espírito denominava-se André Luiz, médico que teria vivido até a década de 1930 no Rio de Janeiro. O que nos chama atenção de antemão são os traços tétricos da paisagem descritos por este, como que presenciando uma espécie de purgatório – o Umbral –, aspectos de sua vida no “mundo espiritual”.

Esses relatos integram o livro *Obreiros da Vida Eterna*, publicado em 1946, pela editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), que detinha naquele momento, os direitos autorais do médium Francisco Cândido Xavier. A obra é a quarta de uma coleção literária espírita composta por 13 livros que vieram a público entre os anos 1944 e 1968 – período que delimita esta pesquisa. Esse conjunto de textos denominado coleção *A Vida no Mundo Espiritual* ou coleção *Nosso Lar*, parece ter causado forte impacto no meio espírita brasileiro quando de seu lançamento, a julgar pelo interesse que as obras despertaram nos consumidores da literatura ligada à doutrina dos espíritos, que conforme relatório na matéria da revista mineira *Alterosa*, eram, naquele momento, os *best-sellers* do Brasil (CARVALHO, 1953, p. 14). A esse respeito, também comentou-se em artigo publicado no jornal *A Noite*, de 24 de maio de 1944, que:

[...] a verdade é que esses livros [espíritos] têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio, embora este livreiro seja um dos campeões dos *best-sellers* nacionais. [...]

---

\* Aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em História Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [analorym@gmail.com](mailto:analorym@gmail.com)



Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier encontram público tão grande quanto as *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, ou os *Cantos do Exílio*, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez (APUD: ROCHA, 2008, p. 75-80).

Essa produção, certamente, foi recebida de forma diversa entre aqueles que a leram, tornando-a objeto de apropriações e releituras, conforme supõe o historiador Roger Chartier, para quem o ato de ler significa atribuição de sentidos pelos leitores para além da ordem imputada pelo autor e/ou editor do texto (CHARTIER, 1990; CARTIER, 2001). Desse modo, entre as questões sobre as quais se pretende refletir, neste texto, está o funcionamento da prática psicográfica dentro do campo de produção editorial espírita; a forma como o público leitor produziu, através de suas interpretações, desdobramentos no meio espírita, quando este buscava construir uma vertente literária; bem como, as disputas que se travaram em torno das edições dos livros de Chico Xavier, em específico, da coleção “A vida no mundo espiritual”.

#### **A COLEÇÃO “A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL”**

A coleção “A vida no mundo espiritual” teve início com a edição do livro *Nosso Lar*, publicado em 1944. A este, seguiu-se a publicação de *Os Mensageiros*, de 1944; *Missionários da Luz*, de 1945; *Obreiros da Vida Eterna*, de 1946; *No Mundo Maior*, de 1947; *Libertação*, de 1949; *Entre a Terra e o Céu*, de 1954; *Nos Domínios da Mediunidade*, de 1955; *Ação e Reação*, de 1957; *Evolução em Dois Mundos*, de 1958; *Mecanismos da Mediunidade*, de 1960; *Sexo e destino*, de 1963; *E a vida continua...*, finalizando o conjunto de livros em 1968. Entre conjunto dos livros da coleção, os quatro últimos números, foram concebidos a partir da parceria dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira.

A escrita dos 13 livros que compõem a coleção se dá em forma de prosa, mais especificamente, em forma de romance. André Luiz, espírito de um médico que teria vivido no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, conta sua história e, ao contá-la, descreve com minúcias o que seria a vida após a morte em regiões astrais próximas à Terra. A narrativa contempla sua trajetória desde a chegada como “desencarnado” ao Umbral – espaço similar ao purgatório católico – e sofrimento que experimentara neste espaço, passando pela transmigração para a cidade espiritual *Nosso Lar*, a aprendizagem com os espíritos mais “evoluídos”, o despertar para sua condição de “atraso”, até o momento do arrependimento e início do seu trabalho no “plano espiritual”.

Emergem dessa narrativa como temas mais significativos, no contexto da coleção, a mediunidade e a reencarnação. Em torno destes temas são descritos vários casos distribuídos

de modo a ocupar a maior parte dos livros. A maioria dos casos reproduz uma versão similar da trajetória de André Luiz, onde se percebe praticamente a mesma sequência de acontecimentos: vida na Terra como período de erros seguido por uma etapa de sofrimento após a morte que termina com o momento do despertar para sua condição de sofrimento e atraso e recomeço em uma nova situação, seja no plano espiritual, ou na possibilidade de uma nova vida na Terra, através da reencarnação.

Assim como a história da vida após a morte de André Luiz, esses casos parecem funcionar como exemplos para seus leitores, que, ao acompanhar as consequências dos erros cometidos na Terra poderiam optar por evitar uma vida terrena comprometedora. Também se pode observar, como elemento constituidor das narrativas, as explicações pretensamente científicas dos mecanismos que regem as situações descritas nos livros, assim como a inserção de cada situação em um contexto moralizante e doutrinador.

Em suma, deve-se registrar que as estratégias narrativas utilizadas na composição das obras da coleção apresentam algumas especificidades. Tratam-se de textos escritos ao modo de romances, narrados a partir do testemunho biográfico do próprio autor (espírito) que entrelaça sua história de vida com casos observados por ele durante sua experiência no “plano espiritual”. Embora o modo de contar as histórias não seja em si complexo, há recorrentemente, nas obras da coleção *Nosso Lar*, o uso de termos técnicos, preciosismos da língua portuguesa e comentários metatextuais, cuja função é traduzir situações à luz do julgamento doutrinário espírita.

## **A PSICOGRAFIA COMO PRÁTICA LETRADA E O LIVRO COMO MISSÃO**

No espiritismo, seus adeptos, de modo geral, desenvolvem uma relação muito próxima com o texto escrito. Tanto no caso brasileiro quanto no francês, desde seus primeiros momentos de existência, o processo de formação doutrinária, de controle contínuo e de pedagogia passam pelo livro e pela escrita (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 235). Escrita esta valorizada e exercitada na prática mediúnica da psicografia, onde se encontra revestida de valor capital, pois atuaria como meio principal de conexão entre os planos espirituais – de onde espíritos superiores ditariam mensagens orientadoras aos médiuns – e a Terra. O próprio compilador da doutrina dos espíritos, o pedagogo francês Allan Kardec, explicita a prevalência do meio escrito de transmissão, ao asseverar que “De todas as formas de comunicação, a escrita manual é a mais simples, mais cômoda, e, sobretudo, a mais completa. [...] ela permite estabelecer relações permanentes e regulares com os Espíritos.” (KARDEC, 1981, p. 194).

Assim, a escrita comporia o *corpus* textual que deveria ser estudado e interiorizado. Segundo os antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine, o estudo das obras fundamentais do espiritismo – os livros de Allan Kardec e os de Chico Xavier – teriam o poder de transformar, porque dentro desse quadro de referências, “[...] Ninguém torna-se espírita sem esforço, sem trabalho, e é, em primeiro lugar, a leitura que tem como objetivo disciplinar e orientar a vida de cada um.” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 135).

É importante assinalar que, não obstante a prevalência da escrita no meio espírita, não há uma exclusão da oralidade, pelo contrário, esta assume, na literatura de matriz psicográfica, uma função complementar de fundamental importância. Seguindo a Walter Ong, para quem a escrita é a espacialização da voz (ONG, 1998, p. 16), pode-se considerar que na constituição da literatura mediúnica, o texto escrito também pode ser visto como a espacialização da palavra enunciada pelo espírito, que dita ao médium o que se deve registrar no papel. Portanto, os livros psicografados encerram de modo particular, uma complementaridade entre oralidade e escrita que resultam na produção de uma mensagem que se origina supostamente da consciência do espírito que o transmite oralmente ao médium, que por sua vez, a materializa a partir da transposição para o papel (ONG, 1998, p. 18-19).

Quando veio a lume o primeiro livro que Chico Xavier teria recebido do espírito André Luiz, através de meio psicográfico, a leitura já se constituía como um elemento formador da identidade espírita brasileira<sup>2</sup> e as edições nacionais, especialmente as de Chico Xavier, já gozavam de relativo sucesso entre os leitores. Por esse período também, aparecem as primeiras referências à “missão do livro” no contexto espírita brasileiro. É o que pode ser percebido nas palavras do espírita Lincoia Araucano, em artigo de 1947, publicado em *O Reformador*, quando assinala que “[...] o livro é nosso missionário que leva a palavra aos lares” (ARAUCANO, 1947, p. 20) e, na sequência, acrescenta a necessidade de uma editora à altura dessa missão.

Um ano depois, também nas páginas da revista *O Reformador*, o mesmo autor espírita afirma que:

O único elemento de que dispõe a Federação para conservar a pureza da Doutrina é o livro. Se Ela não puder publicar quantidades suficientes de livros bons, os livros maus abrigarão seu caminho, pois que o público reclama mais e mais livros. [...] A missão da Federação tem que crescer sempre e o livro é seu principal meio de trabalho. Neste momento da Evolução da Casa de Ismael, todas as atenções e todos os recursos têm que convergir para o livro espírita (ARAUCANO, 1948, p. 20).

A ideia de missão do livro, que tem como corolário a produção sempre crescente de obras, assenta-se na concepção de que a doutrina espírita é uma doutrina em permanente

evolução. Conforme se pode constatar, os espíritas acreditam que, diferentemente das religiões que têm a Bíblia como livro sagrado e única fonte de conhecimento, os espíritas necessitam

[...] de muitos, e sempre novos livros, porque o Espiritismo não fica estacionário em uma coleção de obras, nem mesmo as que apresentamos como fundamentais da doutrina [*as obras de Allan Kardec*]. A essas obras básicas vão-se juntando, dia a dia, novas experiências, novos fatos e testemunhos que ampliam sempre os ensinamentos e lhes dão novo sabor em forma de romances, novelas, poemas, num renovar constante, cheio de vitalidade, vibrante de fé. O Espiritismo é a Revelação permanente que nos apresenta dia a dia novos ensinamentos, à medida que os podemos assimilar, e assim reclamar renovação permanente de sua literatura (BRAGA, 1945, p. 14).

O fragmento acima expõe a necessidade que os espíritas brasileiros tinham de produzir uma literatura extensa e renovada, cuja função, entre outras, seria complementar informações contidas nas obras básicas do espiritismo – as obras de Allan Kardec –, mas também, sedimentar a produção de livros espíritas no meio literário brasileiro. A partir do exposto, pode-se interrogar: quais foram os desdobramentos dessa produção? De que modo a coleção “A vida no mundo espiritual” pode ser percebida dentro desse contexto de intensa produção editorial no campo espírita brasileiro?

## **DISPUTA E CONCORRÊNCIA EDITORIAL NO CONTEXTO DA “MISSÃO DO LIVRO” NO ESPIRITISMO**

Com a circulação dos primeiros textos componentes da coleção “*A vida no mundo espiritual*”, atribuídos ao espírito de André Luiz, o público leitor do espiritismo apresentou variadas reações. Na edição de dezembro de 1944 de *O Semeador*, Luiz Monteiro de Barros, médico e espírita ligado à FEESP, escreveu um comentário sobre as impressões que *Nosso Lar* teria gerado entre seus colegas de crença, originando as “[...] mais variadas e pejorativas críticas por vários líderes da doutrina dos espíritos [...]” (BARROS, 1944, p. 3). De modo semelhante o autor espírita Michaelus, em artigo publicado em *O Reformador*, sugere que muitos leitores de *Nosso Lar* e *Os Mensageiros* tem apresentado dúvidas em relação à veracidade dos relatos contidos nas obras de Chico Xavier (MICHAELUS, 1954, p. 5-5).

Em julho de 1947, também em *O Reformador*, registra-se que “Desde o aparecimento de *Nosso Lar* até agora a correspondência recebida pela Federação Espírita Brasileira sobre os livros desse ilustre médico e literato do invisível é imensa [...]” (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22). No texto relata-se ainda que essa correspondência segue duas linhas: as cartas que expressam estranhamento acerca das descrições demasiadamente

materiais do mundo espiritual, portanto, aceitando-as como simples fantasia, romance de ficção; na contramão dessas missivas, há as que recebem a literatura mediúmica de Chico Xavier sobre a vida no além com entusiasmo (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22).

Em suma, nos artigos de *O Reformador*, explicita-se que houve muita suspeita por parte dos leitores em relação a esses relatos. Os comentários demonstram também que o receio girava em torno da veracidade das narrativas: seriam ficção, próximas a uma narrativa fantástica? seriam simbolismo, no qual as descrições atuariam apenas como recurso metafórico? Ou seriam, na verdade, “realidade palpitante”, que somente causaram estranhamento devido às descrições de “coisas incostumadas”? (AGARIDO, 1947, p. 8).

Os espíritas ligados à FEB e suas edições buscaram dirimir as suspeitas dos leitores de variadas formas: por um lado, procurou-se dissipar o estranhamento inicial em relação às narrativas, justificando que:

Os que só conhecem literatura espírita francesa acham muito material e concreto o mundo espiritual apresentado por André Luiz [...] os que conhecem literatura espírita inglesa e americana já se acham familiarizados com semelhantes descrições do mundo espiritual próximo da Terra e recebem com imenso entusiasmo os livros de André Luiz, o quais confirmam, no mundo latino, aquelas mesmas situações encontradas na imensa literatura espírita de língua inglesa (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22).

Esse fato, segundo o autor das linhas citadas, deve-se ao motivo de Allan Kardec ter se dedicado pouco à exploração desse tema (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22). Ainda com o tino de dissipar o estranhamento dos leitores quanto às informações trazidas nos livros da coleção *Nosso Lar*, a FEB organizou uma série de artigos cujo escopo seria elucidar “aos que só conhecem literatura francesa” (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22). Para tanto, incumbiu-se o professor e espírita Francisco Valdomiro Lorenz para ser o autor dos artigos a serem publicados na revista da FEB, em uma seção denominada *Viagens no Mundo dos Espíritos* (AUTOR ANÔNIMO, 1947, p. 21-22).

Buscou-se ainda, em outra ocasião, endossar a confiabilidade dos relatos contidos na coleção *Nosso Lar*, recorrendo à autoridade da “extraordinária mediunidade de Chico”, à mediação do “respeitável Emmanuel” – espírito que seria o guia de Chico Xavier –, e a não contrariedade às obras de Kardec. Esse esforço empreendido para desfazer o estranhamento e certa rejeição causados pelas obras da coleção iniciada em 1944, e especialmente, a forma como se buscou realizar esse intento, desperta muitas indagações. Chama atenção, de início, a tentativa de aproximação à escola anglo-saxônica como forma de validar os relatos de Xavier, quando, justamente no Brasil buscou-se reafirmar uma continuidade em relação à matriz

francesa, de Allan Kardec, inclusive, associando a existência da doutrina, à codificação realizada pelo pedagogo lionês. A forma pretensamente esclarecedora com que se introduz o modelo anglo-saxão de literatura mediúnica em suas explicações, pode ser vista, também, como evidência do quão desconhecido era para os espíritas brasileiros esse modelo.

Outras questões adquirem relevo nessa conjuntura, ao nos depararmos, por exemplo, com o texto que o escritor espírita Ernani Cabral divulgou em *O Reformador*, no ano de 1957. Com a justificativa de comentar o nono livro da coleção, ponderou sobre a importância do estudo e do livro, para em seguida, solicitar aos seus “confrades espíritas” que confiassem nos livros editados pela FEB, assegurando que “[...] lendo suas obras, não estaremos às voltas com falsos profetas, que ora se multiplicam, procurando lançar a confusão nos arraiais espíritas.” (CABRAL, 1957, p. 20-22). Cabral acrescenta ainda que:

A Casa-Mãe do espiritismo no Brasil tem autoridade moral para orientar o movimento e dar o rumo certo aos espíritas. Ela com isso não se quer transformar em um papado, pois que não traça dogmas, não se diz infalível, não anatematiza, não excomunga, não contraria, não discute. Todo espírita é um homem livre para raciocinar como quiser. Mas nós, que somos espíritas velhos, já calejados na luta pela Verdade, temos o direito de alertar nossos irmãos, no sentido de que dêem todo o seu apreço à FEB e aos livros por ela editados, porque, geralmente, são verdadeiros brilhantes, puras gemas de ensinamentos, que orientam, edificam, esclarecem e consolam. Está nesse caso a recente obra “Ação e Reação”, ditada pelo Espírito André Luiz, e recebida psicograficamente pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, que até hoje tem sido um fiel intérprete dos mensageiros de Deus, assim como Zilda Gama, Yvone A. Pereira e outros, que tão belos livros têm dado à nossa literatura. (CABRAL, 1957, p. 20-22).

O fragmento acima está prenhe de questões que incitam à reflexão acerca da relação que foi estruturada entre as obras de Chico Xavier e o papel da FEB à frente do movimento espírita no Brasil. Neles, Cabral sugere que estivesse havendo contestação do papel condutor da FEB aos rumos espíritas e, essa contestação parece estar relacionada à edição de livros. Visto que, de um lado se encontravam aqueles publicados pela FEB, que detinha os direitos autorais de médiuns como Yvone A. Pereira, Zilda Gama e Chico Xavier. De outro, estariam às edições dos “falsos profetas” que se multiplicavam lançando confusão no meio espírita. A “confusão” a qual Ernani Cabral se refere não data apenas do momento em que ele escreve (1957), mas deita raízes na década de 1940, o que se pode verificar a partir da missiva que Chico Xavier endereçou ao diretor da FEB:

Não te incomodes, meu caro amigo, com os boatos da confusão. [...] Em Belo Horizonte, amigos nossos em doutrina proclamaram de público que “Chico Xavier não passa de uma propriedade da Federação”, outros me escrevem me perguntando “qual foi o preço pelo qual me vendi a ela”. Confrades da própria Bahia costumam escrever-me, começando assim: “Prezado amigo Chico Xavier, você que se



enriqueceu com a literatura mediúnica, envie-nos tanto para auxiliar-nos nisto ou naquilo.” Muitos me indagam sobre os “preços de meu contrato mediúnico com a Federação” e alguns irmãos aí do Rio, quase semanalmente, me escrevem em termos ásperos, acusando-me de estar vendido à Casa de Ismael (APUD. SCHUBERT, 1998, p. 37).

Depois de avaliar os ensinamentos que tais acusações proporcionariam, Xavier prossegue:

Grato pelas notícias do caso H. C. Esperemos por Jesus e pelas decisões do Supremo Tribunal com o qual Dr. Timponi à frente. Do que surgir, espero o obséquio de tuas notícias, sim?

Em anexo, te envio no original um trabalho que recebi ontem de André Luiz. Estou certo de que, com a ajuda de Deus, receberemos, em breve, novo livro dele (APUD. SCHUBERT, 1998, p. 38)

O confronto entre os dois documentos põe de manifesto um contexto tenso no qual as obras de Chico Xavier, irrompem como elemento crucial, nas duas acepções que o termo permite: por se revestirem de fundamental importância e por estarem entrecruzadas por um conjunto amplo de elementos dos quais se podem esboçar várias questões. Inicialmente, parece-nos que o foco do conflito se dá em termos de disputa ou concorrência editorial. Se assim o for, quem seriam os demais personagens nessa arena, para além de Chico Xavier e Wantuil de Freitas, diretor de FEB? Ou, dito de outro modo, quem seriam “os falsos profetas” sobre os quais escreve Ernani Cabral e qual seria o conteúdo de suas “profecias”? Em consonância ao que afirma Pierre Bourdieu, é possível sugerir que o conflito que se estabelece nesse momento põe a o “campo literário” e o “campo religioso” espírita em interação numa disputa de poder pela premência de falar em nome da doutrina dos espíritos, de rejeitar ou consagrar obras e autores através de uma operação cujo resultado seria a codificação de um discurso, uma representação, no caso, de representações literárias mediúnicas.

A noção de codificação proposta pelo sociólogo francês implica aparar arestas discursivas, conformar fronteiras mal traçadas, operando cortes nítidos com o risco de eliminar pessoas que não fariam a diferença nessa manobra (BOURDIEU, 2004, p. 96-107). Bourdieu expõe também, que os agentes imbuídos da missão de construir essa homogeneização costumam recorrer ao capital simbólico, isto é, ao reconhecimento acumulado no decorrer de lutas anteriores, com o propósito de validarem sua atuação (BOURDIEU, 2009, p. 27-79). Quando Ernani Cabral acentua que a “Casa-Mater do Espiritismo no Brasil” se reveste de autoridade moral suficiente para (re)orientar os espíritas, indicando-lhes o rumo certo ele estaria ele se referindo à trajetória encetada pela direção da FEB ao longo da primeira metade do século XX? (CABRAL, 1957, p. 20-22). Porque neste



período, a Federação esteve às voltas com instituições policiais, jurídicas, médicas e sanitárias na tentativa de fixar um *locus* de atuação para as práticas espíritas. Segundo Emerson Giumbelli, esse percurso permitiu ao espiritismo sair de uma conjuntura de condenação e alçar-se a outra de legitimação de suas práticas, na qual a identificação com sua veia religiosa e assistencialista teve relevância capital (GIUMBELLI, 1997).

Xavier, por sua vez, faz referência na carta dirigida à Wantuil, às complicações judiciais originadas pelo caso Humberto de Campos, ainda em 1945 (SCHUBERT, 1998, p. 38). Esse caso teve início quando a viúva do autor de *À sombra das tamareiras* reclamou o direito aos dividendos gerados pelas publicações que Chico Xavier, através da FEB, fazia chegar ao público como se fossem de autoria do escritor falecido (ROCHA, 2004). Ocasão na qual a FEB teve de responder em juízo pelas edições que levavam o nome de Humberto Campos. O desfecho do processo foi favorável aos espíritas, que, pode-se aventar, saíram fortalecidos da disputa e com mais experiência ao que concerne à atribuição de autoria das suas obras. Contudo, uma questão se faz imperiosa: como lidar, dentro dos padrões de análise da literatura moderna, com a noção de autoria mediúnica? Como, da mesma forma, opera-se com a ideia de originalidade como base de uma obra literária? E por último, passa a funcionar a defesa do copyright no contexto da produção literária mediúnica?

Essas são algumas questões que a análise da psicografia como prática letrada e base de uma produção editorial tão intensa faz suscitar, quase de imediato. A análise detida das questões, porém, extrapola os limites e objetivos deste texto.

### Referências Bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 33.
- ARAUCANO, Lincoia. A obra do livro. In: *O Reformador*, set./1947, p. 20.
- \_\_\_\_\_. O livro como índice. In: *O Reformador*, set./1948, p. 20.
- AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: Edufal, 2009.
- AUTOR ANÔNIMO. Os Livros de André Luiz. In: *O Reformador*. Jul./1947, p. 21-22.
- BRAGA, Ismael Gomes. O livro espírita. In: *O Reformador*, fev./1945, p. 14.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CABRAL, Ernani. Ação e Reação. In: *O Reformador*. Ago./1957, p. 20-22.
- CARVALHO, Vinícius de. Os livros espíritas, os *Best-sellers* do Brasil. In: *Jornal O Semeador*. Out./1953, p. 14.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*. Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Municipal, 1997.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. São Paulo: LAKE, 1981, p. 194.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. A tecnologização da palavra. Campinas: SP: Papirus, 1998.

ROCHA, Alexandre Carolli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e Reação* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

\_\_\_\_\_. *E a vida continua...* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

\_\_\_\_\_. *Entre a Terra e o Céu* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

\_\_\_\_\_. *Evolução em Dois Mundos* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1958.

\_\_\_\_\_. *Libertação* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

\_\_\_\_\_. *Mecanismos da Mediunidade* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

\_\_\_\_\_. *Missionários da Luz* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

\_\_\_\_\_. *No Mundo Maior* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

\_\_\_\_\_. *Nos Domínios da Mediunidade* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

\_\_\_\_\_. *Nosso Lar* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

\_\_\_\_\_. *Obreiros da Vida Eterna* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1946.

\_\_\_\_\_. *Os Mensageiros* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

\_\_\_\_\_. *Sexo e destino* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

## Notas

<sup>1</sup> Francisco de Paula Cândido Xavier, ou simplesmente, Chico Xavier (1910-2002) foi um médium mineiro e principal divulgador do Espiritismo no Brasil. Publicou 450 obras supostamente através de meio mediúnico.

<sup>2</sup> Segundo Aubrée e Laplantine, a reiteração da prática da leitura e do estudo no Espiritismo está relacionada a uma necessidade de respeitabilidade social que se percebe em mais de um sentido: desejo de marcar uma pertença às classes médias superiores; resposta às acusações de obscurantismo contra a Doutrina; diferenciação em relação às demais religiões mediúnicas: candomblé e umbanda.